



Zoom // Investigação científica

Astrónomas portuguesas. "Sinto-me a Jodie Foster, de jipe pelo deserto"

São poucas e saem-se melhor lá fora. Maria José Cruz, 35 anos, decide que trabalhos saem na "Science"

MARTA F. REIS (Texto)

marta.reisl@ionline.pt

PAULIANA PIMENTEL/KAMERAPHOTO

fotografia@gmail.pt

A causa feminina na astronomia tem desde o ano passado uma bandeira internacional: o projecto She Is An Astronomer. Na semana passada, as senhoras marcaram um almoço na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa durante o JENAM 2010, um encontro internacional de astronomia. O *i* foi assistir ao convívio – mas a coisa foi despachada, o almoço vinha em sacos de papel e não houve tempo para muita tagarelice. Descobrimos quatro portuguesas lançadas na área. Dizem que se está melhor lá fora e que os homens ainda dominam. Mas acabam por ser prova de que as estatísticas estão a mudar.

Se um quarto dos investigadores ligados à astronomia a nível mundial são mulheres, em Portugal as contas estão menos desequilibradas: são 28 num total de 70 investigadores registados na Sociedade Portuguesa de Astronomia. Mais raro é ficarem no país: das quatro investigadoras que encontramos, duas estão fora e as outras preparam-se para sair.

Em 2005 Catarina Alves de Oliveira, 27 anos, passou 28 noites seguidas sozinha num telescópio a duas horas da Cidade do Cabo, na África do Sul – foi a sua primeira experiência a sério fora de casa depois do Erasmus. Desde então já esteve em destinos de sonho, como o observatório astronómico do deserto de Atacama, no Chile – isto para quem gosta das coisas do céu ou é fã do último James Bond. "É uma aventura. Faz lembrar o 'Contacto': sinto-me a Jodie Foster, de jipe pelo deserto", diz.

Não são veteranas, mas começam a dar

cartas. Paula Brochado, 29 anos, anda à procura de uma agulha num palheiro com mais de 800 mil imagens de galáxias, e pode estar com sorte: descobriu uma colisão de cinco galáxias, algo que não é assim tão comum nos anais da astronomia. Para Joana Ascenso, 30 anos, o ponto alto foi conseguir observações que deitaram por terra uma das velhas teorias sobre a disposição espacial de estrelas com uma massa maior... e é difícil ser mais específico que isto, brinca. "É uma das barreiras com o público: aquilo que hoje se descobre é mais complicado de explicar do que descobrir que a Terra é redonda." Para Maria José Cruz, 35 anos, a descoberta foi outra: no final do doutoramento em Oxford percebeu que gostava de ciência, mas que não gostava de investigar. Passou por um estágio no gabinete de ciência e tecnologia do Parlamento inglês e agora está, pode dizer-se, noutra cadeira do poder científico. É editora de astronomia e astrofísica na "Science", uma das revistas científicas mais prestigiadas do mundo.

MUNDO DE HOMENS Portugal não tem sido palco dos principais momentos das suas carreiras. "A situação não é atractiva nem para os portugueses, que gostavam de cá ficar, nem para os estrangeiros que podiam vir para cá", diz Joana.

E para haver um almoço de mulheres, será que a diferença entre sexos ainda se nota muito? "Quanto mais longe se quer ir na carreira, maior é a brecha entre homens e mulheres", diz Paula, tese de doutoramento acabada de entre-

gar no Centro de Astrofísica da Universidade do Porto. Quando Catarina defendeu a tese de doutoramento, na Universidade de Munique, era a única mulher na sala. "É intimidante. Noto que ainda existe algum preconceito", explica a especialista nas pseudoestrelas chamadas anãs castanhas no Laboratório de Astrofísica de Grenoble, em França.

Mas talvez seja no método que se notam as principais diferenças. A análise é de Joana Ascenso: "Em investigação é preciso muito planeamento, mas também muita criatividade. Apesar de as mulheres serem mais metódicas e perfeccionistas, um homem que cresce com aquela ligação tradicional ao brinquedo, às construções, se calhar chega mais facilmente a uma descoberta."

Maria José, com uma visão privilegiada da área, confessa que nunca sentiu essa diferença – o mais comum é não perceber se os autores, pelos nomes e apelidos estrangeiros, são homens ou mulheres. Mas há um balanço fácil de fazer: continuam a chegar poucos artigos portugueses para publicação.

LUXO EM MUNIQUE À falta de opções competitivas no país, saem sem pressa de voltar. Joana Ascenso casou há pouco tempo e vai em Outubro para o Observatório Europeu do Sul (ESO). Com sede em Garching, a hora e meia de Munique, o ESO é um padrão de luxo. Vai receber pelo menos duas vezes mais, se o marido for com ela pagam um extra, ajudam a pagar a casa, dão seguro de saúde, se



tiver um filho ajudam com o infantário e tem seis meses de licença de maternidade. "Sabem que se as pessoas tiverem de escolher entre a família e a carreira vão escolher a família. Os institutos com dinheiro já preferem fazer esse esforço." A distância é o ponto negativo. "Até agora fui sempre sozinha. Nós tivemos a sorte de resistir e estamos felizes, mas conheço muitos casos de casais que não resistem a essas separações", conta.

Maria José está na "Science" há dois anos. O emprego é estável, até rotineiro, mas todos os dias acaba por ser uma surpresa com as descobertas que lhe chegam à secretária. Dos artigos que recebe - em média dez por semana -, 70% são recusados à partida. Depois escolhe os revisores (cientistas de todo o mundo que avaliam os resultados dos colegas), recebe os seus pareceres e no fim decide que novidades seguem para publicação. "Quando se é mesmo cientista, há mais frustrações. Há dias em que me sinto aqui que nem Galileu, embora nem todos os artigos que acho interessantes tenham depois cobertura jornalística", resume. "Não ponho de parte voltar, mas provavelmente não vai acontecer. Essas coisas reque-

rem esforço e eu não sou contra, mas também não tenho um desejo enorme de voltar."

Enquanto crescem lá fora, acreditam, há trabalho a ser feito em casa. "Enquanto o investimento não aumentar, e não houver um esforço para divulgar a ciência, não haverá pessoas dispostas a financiá-la nem boas condições para os investigadores", diz Joana.

Retrato

28

investigadoras registadas na Sociedade Portuguesa de Astronomia.

1500

euros é o ordenado esperado quando se termina o doutoramento

na área.

13,6%

Percentagem de mulheres inscritas na União Astronómica Internacional em 2009.

815

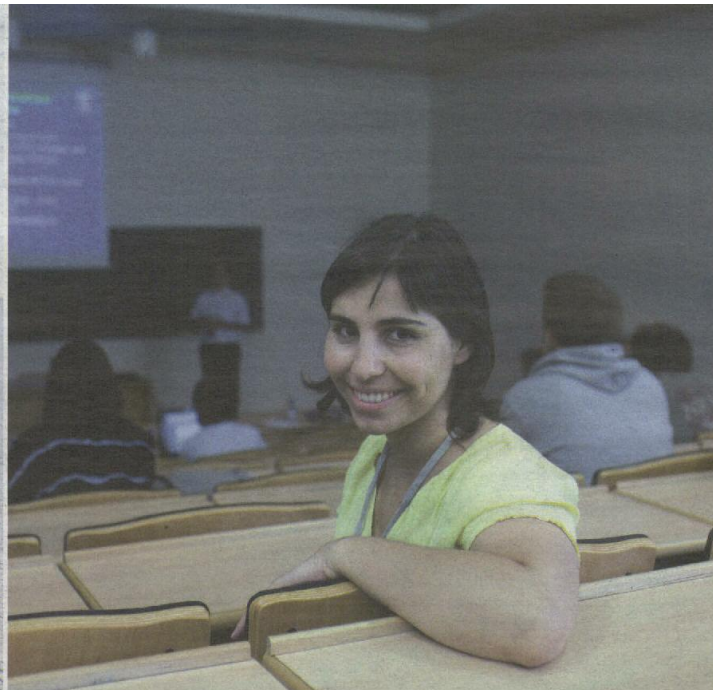
milhões: número de participantes no Ano Internacional da Astronomia superou as expectativas.

"A situação não é atractiva nem para os portugueses nem para os estrangeiros que podiam vir para cá"



PAULA BROCHADO, 29 ANOS, CENTRO DE ASTROFÍSICA UNIV. DO PORTO

A primeira memória que tem do espaço é da escola primária, quando viu imagens da Terra, dos restantes planetas e do Sol. Depois da licenciatura em Astronomia na Universidade do Porto foi a beleza das imagens que a atraiu para o estudo da colisão de galáxias. Descobriu agora uma interacção entre cinco galáxias que poderá ter características inéditas. Quer sair do país no início de 2011.



JOANA ASCENSO, 30 ANOS, CENTRO DE ASTROFÍSICA UNIV. DO PORTO

Está de malas feitas para ir para a Alemanha, depois de um pós-doutoramento no Centro de Astrofísica Harvard Smithsonian, nos EUA. Estuda enxames de estrelas. Um dos pontos altos foi descobrir que as estrelas de maior massa se distribuíam de forma diferente do que pensava. Faz observação, mas 95% do tempo é passado à frente do computador. Acha que as mulheres são mais perfeccionistas no trabalho, mas menos inventivas.

Área: 11,48cm² / 66%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3316526

Data: 18.09.2010

Título: Astrónomas portuguesas. "Sinto-me a Jodie Foster, de jipe pelo deserto"

Pub:



clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 34;35



CATARINA ALVES DE OLIVEIRA, 27 ANOS, LAB. DE ASTROFÍSICA DE GRENOBLE Especializou-se em observações e, desde 2005, já visitou alguns dos principais observatórios astronómicos mundiais. Passou pela Universidade Internacional do Espaço, em Estrasburgo, e agora está em Grenoble. Catarina quer perceber qual é o tamanho mínimo para uma estrela e perfeito seria observar um desses objectos celestes. Para já dedica-se às anãs castanhas – parecidas com estrelas mas com massas pequenas, cinco a seis vezes o tamanho de Júpiter.



M.ª JOSÉ CRUZ, 35 ANOS, EDITORA DE ASTRONOMIA E ASTROFÍSICA DA REVISTA "SCIENCE" Está em Inglaterra há dez anos. Depois do doutoramento em Astronomia dedicou-se à política científica no parlamento inglês e trabalhou numa agência de financiamento. Alargou horizontes. "Quando estava a fazer o doutoramento, a estudar galáxias distantes, as pessoas perguntavam-me pelos robôs em Marte e eu não sabia de nada." É a primeira portuguesa na "Science" e às vezes sente-se como Galileu só com as descobertas dos outros.

Área: 1148cm² / 66%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3316526